

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

A Importância do Cinema como Lazer Popular e as suas Formas de Inclusão

Vanessa Dias Magalhães

Novembro de 2015

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura, do Centro de Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação (CELACC) da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do Prof. Me. Vinicius de Souza.

A IMPORTÂNCIA DO CINEMA COMO LAZER POPULAR E AS SUAS FORMAS DE INCLUSÃO¹

Vanessa Dias Magalhães²

RESUMO

Este artigo faz apontamentos a respeito da elitização do cinema e discorre sobre ações que têm a proposta de democratizar seu acesso. Para tanto, contextualiza essa elitização e ressalta a tendência recente de projetos como o CINE B, iniciativa que propõe o cinema como arte para todos. Por fim, na tentativa de apreender os critérios de escolha dos filmes, as propostas de superação discutidas e o impacto social de programas desse tipo, este artigo apresenta depoimentos de pessoas envolvidas de diferentes formas com tais iniciativas.

Palavras-chave: Cinema; Indústria Cultural; Democratização; Políticas Públicas Culturais.

ABSTRACT

This article make notes about the movie elitism and discusses the initiatives that have the proposal to democratize access. For this, contextualizes this elitism and highlights the recent trend of projects such as Cine B, an initiative that proposes cinema as art for everyone. Finally, in an attempt to seize the criteria for selecting the films, overcoming proposals discussed and the social impact of such projects, this article presents testimonials of people involved in different ways with such initiatives.

Keywords: Cinema; Cultural Industry; Democratization; Cultural Public Policy.

RESUMEN

Ese artículo hace apuntes sobre el elitismo de la película y se analizan las iniciativas que tienen la propuesta de democratizar el acceso. Para eso, contextualiza este elitismo y pone de relieve la tendencia reciente de proyectos como Cine B, una iniciativa que propone el cine como arte para todos. Por último, en un intento de apoderarse de los criterios de selección de las películas, la superación de las propuestas discutidas y el impacto social de este tipo de proyectos, este artículo presenta testimonios de personas que participan de diferentes maneras con este tipo de iniciativas.

Palabras clave: Cine; Industria Cultural; Democratización; Políticas Públicas Culturales.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura, do Centro de Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação (CELACC) da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do professor Me. Vinícius de Souza.

² Vanessa Dias é jornalista, graduada em Comunicação Social pela PUC-SP. Aluna do de pós-graduação do Curso de Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (CELACC/ECA-USP).

1. Introdução

*O cinema não tem fronteiras nem limites.
É um fluxo constante de sonho.*

(Orson Welles)

Ir ao cinema³ é considerado um dos programas mais corriqueiros dentre as possibilidades de lazer do paulistano de classe média. Porém, apesar da aparente trivialidade dessa atividade, assistir a um filme em um cinema, atualmente, não pode ser considerado um programa de baixo custo⁴, o que dificultar o acesso das classes populares.

A distribuição e o acesso da população às salas de cinema no Brasil podem apresentar um reflexo da concentração socioeconômica e da desigualdade regional do país. Os resultados são os entraves que dificultam a democratização do cinema por conta dos valores dos ingressos – consequência da dominação da indústria cultural sobre as salas de exibição – e a frequência por um público com maior poder aquisitivo.

Considerando, especificamente, as questões materiais que implicam a dificuldade para uma pessoa da periferia usufruir dessa alternativa de lazer, como gastos com transporte e ingressos, é possível explicar, em certa medida, a diminuição do público das salas de cinema proveniente das camadas populares da sociedade.

Em decorrência desse fenômeno, é notada a tendência de adoção de políticas públicas voltadas para a efetiva democratização dessa linguagem. Assim, o presente trabalho pretende apresentar uma observação contextualizada sobre o processo de elitização do cinema, além de analisar as consequentes propostas de democratização do acesso a essa forma de entretenimento e lazer.

³ O presente artigo compreende o cinema como “cultura e linguagem artística” (MOGADOURO, 2011, p. 15).

⁴ Segundo pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o ingresso do cinema no Brasil é o quarto mais caro no mundo. FGV, 2013. Disponível em: <<http://fgvnoticias.fgv.br/pt-br/noticia/ingresso-de-cinema-no-brasil-e-um-dos-mais-caros-do-mundo-aponta-pesquisa-da-escola-de>>. Acesso em 08 out. 2015.

Portanto, este artigo pretende analisar o domínio da indústria cultural e o processo de elitização da cinematografia, colocando em perspectiva as iniciativas que estão do lado oposto do mercado, com a proposta de levar o cinema aos mais diversos lugares. Assim, assume-se como proposta de investigação a dimensão do cinema como cultura e como linguagem artística, verificando-se, quanto aos aspectos sociais desse processo, os sujeitos que consomem e os que gostariam de consumir.

A lógica do mercado cultural, que monopoliza os filmes disponíveis e como eles são apresentados, determina os altos preços praticados pelas salas de cinema. Além disso, esse monopólio de distribuição também influencia no conteúdo que é exibido, pois, segundo Hall:

[...] as indústrias culturais têm de fato o poder de retrabalhar e remodelar constantemente aquilo que representam; e, pela repetição e seleção, impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial. (2013, p. 254)

Esse processo de seleção e de repetição ao qual o mercado cinematográfico está submetido teria, como uma das principais consequências sociais, a criação e o reforço de estereótipos e de temas sociais irrelevantes. Em contrapartida a esse processo de elitização do cinema, percebe-se a emergência de novos atores fomentadores de ações de resistência cultural e política.

Os projetos sociais desenvolvidos por organizações sociais são exemplos emblemáticos dessa resistência. Neste artigo, abordaremos o trabalho promovido pelo CINE B e pelo Cine na Laje, duas iniciativas que propõem o funcionamento de um circuito gratuito de exibição cinematográfica.

Em relação às estratégias metodológicas, o trabalho foi desenvolvido sob dois eixos: o primeiro, de caráter exploratório, concentrou-se no levantamento e análise da bibliografia pertinente aos temas abordados, tais como inclusão e exclusão social, lazer e entretenimento como direitos sociais e identidade cultural. A segunda parte do trabalho concentrou-se na pesquisa de campo, composta por entrevistas um breve relato etnográfico desenvolvido

com a intenção de apreender as experiências vividas e as impressões coletadas no decorrer do estudo.

Para verificar os efeitos que propostas como essas têm sobre quem participa, foi realizado um trabalho de campo com entrevistas semiestruturadas e um roteiro com sugestões de perguntas. Essa definição foi fundamental para aproximar, deste trabalho de pesquisa, a realidade dessas pessoas. No caso do CINE B, as entrevistas ocorreram antes e depois das sessões. O objetivo era captar as impressões pré e pós-filme, verificando-se a percepção desse público sobre o projeto e se o cinema itinerante despertou no público a vontade de ir mais vezes ao cinema.

Os entrevistados responderam a questões como: “Você já tinha ido ao cinema antes?”; “O que achou?”; “Qual o impacto que essas iniciativas de exibição de filmes têm na vida das pessoas?”. Com base nas informações coletadas, o artigo pretende mostrar como essas ações participam do processo de popularização da cultura. Interessa saber, especificamente, o *modus operandi* dos projetos, bem como as estratégias para a realização das sessões, os critérios de escolhas dos filmes, as propostas que são discutidas e a forma como o contato com o público se estabelece. Em resumo, interessa compreender, especialmente, o impacto social de um projeto desse tipo.

Entretanto, os dados coletados durante a pesquisa apontaram para um novo questionamento, sobre o papel do poder público nesse contexto, já que a atual gestão da Prefeitura de São Paulo tem um plano de levar cinema a lugares mais distantes em 2016. Assim, é possível inferir a importância de programas que rompam com a lógica de mercado e que apresentem uma oportunidade de cinema para as classes populares, na elaboração de políticas públicas de democratização cultural.

Do ponto de vista teórico, os estudos de Mogadouro (2011), sobre os novos usos do cinema em instituições de propagação cultural – especificamente na escola –, bem como os de Hall (2013), sobre a identidade cultural, e de Chauí (2009), sobre cidadania cultural, entre outros, embasaram as análises deste trabalho. Como ponto de intersecção entre esses estudos,

está à concepção da cultura, esfera social em que se insere o cinema, como fomentadora de mudança de paradigmas.

2. Cinema como novidade

Muitos que vão ao cinema atualmente não imaginam que a primeira apresentação cinematográfica foi realizada em Paris no ano de 1895⁵. Naquela época, os irmãos Lumière⁶ não sabiam como seria o cinema no futuro. Em dezembro daquele ano, pela primeira vez, um filme foi projetado para o público em uma tela. Eram cenas simples. Tempos depois, diversas cidades da Europa contavam com filmes em exibição.

Mesmo com a simplicidade do conteúdo que foi projetado, a plateia ficou encantada. O que apareceu? Filmes curtos, com a câmera parada, em preto e branco e sem som. Um deles mostrou um trem chegando à estação, filmada de forma que a locomotiva chegava de longe e enchia a tela, como se fosse se projetar em cima da plateia⁷. O público ficou impressionado com a fidedignidade da exibição.

A denominada “revolução cinematográfica” permitiu aos filmes meios de contar histórias mais longas e narrativas, o que impulsionou o mercado cinematográfico. Os cinemas passam a ter lugares próprios e essas demarcações acompanham o crescimento das cidades. O ilusionista francês George Méliès contrapõe-se ao cinema documental dos irmãos Lumière e inaugura a era do “cinema narrativo”, como Hagemeyer esclarece:

A gênese da dicotomia ficção-documentário no audiovisual foi normalmente apontada nos primórdios do cinema, tendo os irmãos Lumière como os primeiros documentaristas e o mágico

⁵ Segundo o IMDB, o primeiro filme cinematográfico exibido foi “La Sortie de l’Usine Lumière à Lyon” (A Saída dos Operários da Fábrica Lumière), lançado em 22 de março de 1895, na França. **IMDB**. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0000010/releaseinfo?ref=tt_dt_dt>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁶ Os irmãos Lumière (Auguste Lumière e Louis Lumière) são considerados os inventores do “cinematógrafo” e, por isso, são conhecidos como os “pais do cinema documental”. **ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Lumière brothers**. Disponível em: <<http://www.britannica.com/biography/Lumiere-brothers>>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁷ Em janeiro de 1896 os irmãos Lumière exibem o filme “L’arrivée d’un train à La Ciotat”, considerado um marco histórico do cinema documental mundial. **IMDB**. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0000012/?ref=tt_rec_tt>. Acesso em: 25. set. 2015.

Georges Méliès como introdutor da ficção teatral, truques e indumentárias artificiais. O “pai do cinema narrativo” teria demonstrado o potencial do cinema para contar histórias. (2012, p.100-101)

Consolidada como a sétima arte, a *telona* realmente encanta multidões. O cinema pode ajudar a compreender quem somos e como somos representados. Ou seja, contribui na construção de identidades sociais. Mogadouro (2011) aborda o papel do cinema na educação:

Entendemos que o cinema pode ter um papel altamente educativo. Se assumido pela educação formal, é um grande aliado na formação humanista e cidadã. A partir da assistência e discussão sobre as obras do cinema, é possível desenvolver a construção da subjetividade, praticar a dialogicidade e a interdisciplinaridade. (p. 33)

Quando assistimos a um filme somos levados para dentro de uma história. Emoções, lágrimas e risadas. Porém, a partir das interferências da denominada Indústria Cultural, ocorre a apropriação do cinema pelo mercado, tendo início o processo de exclusão social e cultural.

3. Um pouco do cinema nacional

A primeira exibição cinematográfica no Brasil aconteceu em julho de 1896, no Cinematographo Parisiense, que foi criado em um lugar adaptado, onde hoje funciona o teatro Glauber Rocha, no Rio de Janeiro⁸.

O primeiro cinema foi inaugurado em 1909, como Cine Soberano, que hoje é chamado de Cine Íris, também no Rio de Janeiro. Nos anos 1930 tem início o cinema falado. Já nessa época o cinema nacional concorre com as distribuições norte-americanas.

A criação do estúdio Vera Cruz, no final da década de 1940, representa o desejo dos diretores que, influenciados pelas produções estrangeiras, procuravam realizar um tipo de cinema mais “sofisticado”. O cinema ganhou o formato que conhecemos hoje. Antes desse período, os

⁸ HISTÓRIA do Cinema Brasileiro. Disponível em <<http://dc.itamaraty.gov.br/cinema-e-tv/historia-do-cinema-brasileiro>>. Acesso em 04 out. 2015.

filmes faziam parte de eventos de teatros e de outros espetáculos. O estúdio faliu em 1954, mas protagonizou grandes momentos de glória quando o longa “O Cangaceiro” (1953), de Lima Barreto, ganhou o prêmio de melhor filme de aventura no Festival de Cannes.

A reação ao cinema da Vera Cruz foi feita pelo movimento que divulgo o cinema nacional conhecido no mundo inteiro, o “Cinema Novo”. No início da década de 60, um grupo de jovens começa a realizar uma série de filmes com forte temática social. Entre eles está Glauber Rocha, cineasta baiano e símbolo do Cinema Novo⁹.

Em 1974, durante a ditadura militar, o governo de Ernesto Geisel cria a estatal Embrafilme, que teve um papel importante nas obras cinematográficas do Brasil até a sua extinção em 1990. Esse crescimento é interrompido com o fim da estatal. O governo Collor seguiu políticas neoliberais de empresas estatais abrindo o mercado para as produções norte-americanas. A situação só começou a melhorar em 1993, quando foi criada a Lei do Audiovisual, que promovia novos investimentos por parte do governo federal, a chamada retomada do cinema.

4. A indústria cultural e o cinema

Para entender como surgiu o termo *indústria cultural* e por que ele se relaciona a um processo de exclusão das massas, é fundamental contextualizar sua origem. Indústria cultural é um termo cunhado no século XX, que deriva do alemão *Kulturindustrie*. Produzido por dois filósofos, Theodor Adorno e Max Horkheimer (1997) esta máxima aparece pela primeira vez no capítulo do livro *Dialética do Esclarecimento*, que analisa a produção e a função da cultura no capitalismo.

A indústria cultural não se refere aos meios (televisão, rádio, internet), mas sim ao seu uso metodológico por parte da classe social

⁹ Op., cit. Disponível em <http://dc.itamaraty.gov.br/cinema-e-tv/historia-do-cinema-brasileiro>. Acesso em 11 out.2015.

dominante. A historiadora e filósofa Marilena Chauí (2008) descreve o conceito de indústria cultural e o seu processo de exclusão:

Como opera a indústria cultural? Em primeiro lugar, separa os bens culturais pelo seu suposto valor de mercado: há obras “caras” e “raras”, destinadas aos privilegiados que podem pagar por elas, formando uma elite cultural; e há obras “baratas” e “comuns”, destinadas à massa. Assim, em vez de garantir o mesmo direito de todos à totalidade da produção cultural, a indústria cultural sobre-determina a divisão social acrescentando-lhe a divisão entre elite “cultura” e massa “inculta”. Em segundo, contraditoriamente com o primeiro aspecto, cria a ilusão de que todos têm acesso aos mesmos bens culturais, cada um escolhendo livremente o que deseja, como o consumidor num supermercado. (p. 59)

O cinema sempre se restringiu às elites, que tinham o hábito de assistir a um filme, um espetáculo de teatro ou dança e em seguida participar dos famosos bailes. Ou seja, eram as pessoas que tinham recursos financeiros. Earp e Sroulevich (2009) enfatizam essa máxima:

O que se verifica é a crescente preferência pela forma doméstica de assistir aos filmes, em substituição à ida às salas de cinema. Existem duas razões interligadas para isso: a percepção de que a ida ao cinema tornou-se um programa relativamente caro e o aparecimento de alternativas de boa qualidade para assistir filmes em casa. O custo total de uma ida ao cinema não se reduz ao preço do ingresso, mas inclui toda uma série de outras despesas associadas, que incluem o preço do transporte, do consumo pré-filme (como um café, a bombonière, uma compra no shopping, etc.) e pós-filme (um lanche, ida ao bar ou jantar). Ao pensarmos no custo da ida ao cinema, devemos, portanto, nos preocupar com todo um combo de entretenimento. Qualquer pessoa compra um filme no comércio informal antes mesmo dele estar no cinema. (p. 193 e 194)

As salas de cinema se localizam, majoritariamente, em bairros com maior concentração de renda per capita e dentro de complexos comerciais, como em shopping centers. Esses espaços são bem menores do que as antigas salas. Ou seja, há um limite reduzido de pessoas que podem estar naquele espaço, o que pode configurar um dos motivos que explica o alto preço dos ingressos.

Há uma forte concentração desses locais de exibição nos grandes centros urbanos. Segundo dados da Agência Nacional de Cinema (ANCINE), a

região Sudeste apresentou a maior quantidade de salas colocadas em funcionamento no período, 25 no total¹⁰.

Entretanto, o valor arrecadado com os altos preços dos ingressos impressiona. O estudo da ANCINE (2015) mostra que nas 13 primeiras semanas deste ano foram arrecadados R\$ 568 milhões nas bilheterias de todo o país. A análise se refere ao período compreendido entre 1º de janeiro e 1º de abril de 2015¹¹. Diante desses dados, como fazer com que todas as pessoas que desejam tenham acesso ao cinema? E por que isso seria importante?

5. Acesso ao cinema

O balanço de acompanhamento de mercado da Agência Nacional do Cinema 2105 (ANCINE) aponta que o país ganhou 25 novos complexos cinematográficos este ano, totalizando 123 novas salas. Somadas as salas que foram reabertas, o mercado recebeu 147 novas telas no primeiro semestre, resultando em 2.957 salas de exibição.

Podemos constatar que o aumento no número de salas (mesmo que ainda precário, levando-se em conta o tamanho do Brasil) não está acompanhado por uma distribuição igualitária para todas as regiões. A grande maioria das salas de cinema está localizada nos centros comerciais. Já os espaços culturais que exibem filmes com preços mais acessíveis e gratuitos estão localizados, em sua maioria, no circuito Centro–Augusta–Paulista.

O estudo divulgado pela Rede Nossa São Paulo¹² destaca o imenso abismo cultural e social na cidade. Com base em dados econômicos e sociais, o Mapa da Desigualdade 2015 revela os melhores e piores indicadores por distrito. No trabalho, há um levantamento sobre o acesso a centros culturais, casas e espaços de cultura, por grupo de 10 mil habitantes. Enquanto

¹⁰ Informe de Acompanhamento de Mercado de Salas de Exibição para o 1º Trimestre de 2015, da Agência Nacional de Cinema.

¹¹ ANCINE. Disponível em: <<http://ancine.gov.br/sala-imprensa/noticias/aumento-da-arrecada-o-e-amplia-o-do-n-mero-de-salas-marcam-primeiro-trimestre>>. Acesso em 16 out 2015.

¹² REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da desigualdade 2015**. Disponível em: <http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/Quadro_da_Desigualdade_em_SP.pdf>. Acesso em: 04 out. 2015.

na Barra Funda (zona oeste) são 9,48 salas dentro dessa proporção, no Sacomã (zona sul), esse índice fica em 0,040 – diferença de quase 240 vezes. Ao todo, só em relação às salas de cinemas, eram 344 na capital em 2014, para uma população de 11.453.996 habitantes.

Os números têm por base informações fornecidas pelas secretarias municipais e estaduais e por órgãos do governo federal. A dificuldade de acesso da população paulistana ao cinema também é expressa pela pesquisa por amostragem “Hábitos Culturais dos Paulistas: Cultura em SP” (LEIVA, 2014). Dados do estudo apontam que 10% da população paulistana nunca teria ido ao cinema. Entretanto, 54% dos entrevistados teriam manifestado alto grau de interesse pela linguagem. Se considerados dados de renda, esse percentual sobe para 29,7% nas classes D+E, enquanto cai para 3,35% nas classes A+B¹³.

Levantamento do Circuito Spcine de Cinema (anexo 1) da Prefeitura de São Paulo, aponta que o Índice de Habitantes por Cinema (IHC) médio no país em 2013 girou em torno dos 75 mil habitantes por sala, número ainda distante de outros países, como Argentina, México e França, que, em 2012, apresentavam cerca de 51 mil, 21 mil e 11 mil habitantes por sala, respectivamente.

Mesmo a cidade de São Paulo, por sua vez, embora seja a capital do Estado com maior número de salas do país, ainda apresenta um IHC baixo, de 0,43 (ou 43 mil habitantes por sala), assumindo a 14ª posição no ranking das capitais brasileiras.

Dessa maneira, este artigo se propõe a citar algumas iniciativas que têm o objetivo de democratizar o acesso ao cinema, de alguma forma. Temos como exemplo o CINE B, projeto que exhibe filmes em diversos bairros. Ainda, o Cine na Laje, que teve início devido ao processo de exclusão social, nas palavras de seu idealizador, Sérgio Vaz, surgiu como forma de “ter algo para quem nunca teve” e a intenção da atual gestão da Prefeitura de São

¹³ LEIVA JR, J. LEIVA JR, J. **Hábitos Culturais dos Paulistas**: Cultura em SP. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.jleiva.com.br/pesquisa_sp/cidades.html>. Acesso em: 28 out. 2015.

Paulo, que pretende utilizar os CEUs e outros espaços para a projeção de obras cinematográficas.

Mongadouro (2011, p. 52), ao considerar a aproximação entre cinema e educação, entende que o cinema faz o “papel de desordeiro, no sentido de abrir a escola para o mundo da arte e da cultura”. Pode-se inferir, dessa maneira, que o cinema opera significados distintos e se inscreve na realidade, e sua relevância se constata para além da sua participação no mercado e se manifesta em ações de resistência sociocultural.

6. Propostas de democratização

Como já mencionado neste artigo, três iniciativas em particular chamam a atenção na cena cultural da Grande São Paulo, por sua contribuição para que o acesso à linguagem cinematográfica se democratize. Essas iniciativas serão analisadas nos subitens a seguir.

6.1 CINE B

O CINE B é um circuito de exibição gratuita de obras cinematográficas nacionais em espaços comunitários e universitários de São Paulo, Osasco e região. A iniciativa é do Sindicato dos Bancários e produzida com a parceria da Brazucah Produções. O projeto percorre diversas comunidades e realiza exibições de filmes em igrejas, escolas, associações comunitárias de bairros e também em sessões especiais ao ar livre. O CINE B opera com filmes brasileiros, levando a experiência de uma sessão de cinema para as comunidades e instituições de ensino das periferias e com difícil acesso aos equipamentos culturais. Todas as sessões do projeto são gratuitas e mais de 200 comunidades e bairros de São Paulo, Osasco e Região, além de 40 associações, já participaram do projeto.

Desde 2007, a iniciativa já realizou mais de 374 sessões, exibindo cerca de 150 títulos de longas e curtas metragens brasileiros. O circuito já contabiliza um público espectador de 50 mil pessoas assistindo a filmes brasileiros. A estrutura é formada por telão, projetor, caixas de som, cadeiras,

um painel luminoso, cartazes de divulgação, convites e pesquisas de avaliação do projeto. Também conta com um pipoqueiro que serve pipoca gratuita em todas as sessões, com saquinhos padronizados, e ainda tem sorteio de brindes e camisetas do projeto ao final de cada filme.

Antônio Francisco Nascimento é o pipoqueiro do projeto há sete anos. Com um sorriso no rosto, Francisco pergunta ao visitante se ele prefere pipoca doce ou salgada. “Gosto muito da minha profissão, pois a pipoca é universal, todo mundo gosta. Eu posso servir um mendigo ou um milionário, uma criança ou adulto, todo mundo gosta¹⁴”.

Por valorizar o cinema nacional, o CINE B, além dos elementos de democratização do acesso a produtos culturais, coloca o Brasil em contraposição à produção hollywoodiana hegemônica que domina as grandes salas de cinema. Os dados coletados no Informe de Acompanhamento do Mercado – Distribuição em Salas de Exibição 2105, da Agência Nacional do Cinema (ANCINE) apontam o crescimento de público no cinema e a preferência pelas obras estrangeiras.¹⁵

Segundo o estudo, as salas de cinema do país receberam 90,4 milhões de espectadores no primeiro semestre de 2015, o que representou um crescimento de 12,0% em relação ao público do mesmo período do ano passado. A renda gerada pelas exibições cinematográficas aumentou 19,3% em relação a 2014, alcançando R\$ 1,22 bilhão.

Essa expansão foi resultado da circulação dos filmes estrangeiros, os quais apresentaram aumento de público de 19,9% em relação ao primeiro semestre de 2014. Esse resultado é explicado, principalmente, pela presença de dois títulos estrangeiros responsáveis por 24,1% dos espectadores dessas obras: *Vingadores: A Era de Ultron* e *Velozes e Furiosos 7*. Juntos, esses filmes somaram quase 20 milhões de espectadores.

¹⁴ Relato oral concedido durante sessão de cinema do projeto CINEB, em São Paulo (SP), em 24 out. 2015.

¹⁵ ANCINE. Disponível em: <<http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2101-22052015.pdf>>. Acesso em 26 out. 2015.

Já as obras brasileiras atraíram 7,4 milhões de espectadores às salas de cinema em 2015, o que representou queda de 35,7% em relação ao mesmo período de 2014. A participação de público nas películas nacionais sobre o total de bilhetes vendidos também caiu de 14,2% no primeiro semestre de 2014 para 8,1% em 2015.

Diante disso, é possível levantar a hipótese de que tal frustração de expectativas foi provocada, pelo menos em parte, pela competição com lançamentos norte-americanos que ocuparam mais de 1.000 salas nas mesmas semanas para as quais foram programadas as estreias de lançamentos brasileiros. (OCA-ANCINE, 2015, p. 07)

Organizar uma sessão na região que ficou conhecida como Cracolândia – em referência ao alto consumo de drogas que há na região – é um exemplo de como o cinema pode dialogar com a realidade das pessoas. Uma parceria entre CINE B e Prefeitura de São Paulo levou para a Luz, região central da cidade, o filme *Sabotage – O maestro do Canão*, no dia 2 de julho de 2015.

O documentário apresenta a vida e a obra do lendário rapper e ator Mauro Mateus dos Santos, o *Sabotage*, morador da Zona Sul de São Paulo, que ficou conhecido no país inteiro pela sua poesia e pela participação nos filmes *O invasor* e *Carandiru*. Com entrevistas de familiares, amigos e artistas que conviveram com *Sabotage*, o filme apresenta cenas de arquivo da vida do rapper, em que ele fala, de forma aberta e espontânea, sobre a infância, a desigualdade, o descaso, a solidariedade e sua vida como músico e ator. O artista tinha 29 anos quando foi assassinado em 2003 a tiros após deixar a mulher no trabalho.

No relato feito ao jornalista Carlos Rizzo, do projeto CINE B, Edson Rodrigues, uma das pessoas que estava na plateia, lembrou que a história de *Sabotage* é muito comum às pessoas daquela região: “É uma inspiração”. Já Luciano Aparecido Reis conta que a iniciativa de passar uma sessão na rua é “boa porque traz muita gente para se envolver com cultura”. Um relato de como uma história gravada e exibida em seu país de origem pode

trazer elementos de identificação social¹⁶. Wanderson Rocha Mateus dos Santos, Sabotinha, disse que é uma honra poder acompanhar uma sessão ali na Cracolândia. “Meu pai saiu do rap para o cinema e tenho certeza que seu filme vai inspirar muita gente”.

Para Cidálio Vieira Santos (Apêndice A), coordenador do projeto, a preferência por filmes nacionais é importante, pois traz identidade: “o público se enxerga um pouco nas telas e percebe que há trabalhos bem realizados no Brasil”.

Com uma média de 120 pessoas por sessão, Cidálio afirma que o cinema faz parte de um processo de transformação social e cultural:

O CINEB passa uma vez pelo bairro e depois volta. Estas pessoas que nunca foram ao cinema voltam e elogiam o CINEB, pois dizem que nunca tiveram esta oportunidade de ver um filme ou uma apresentação cultural. As pessoas acabam procurando os filmes que exibimos para comprar pois querem também compartilhar cultura. O cinema muda a vida das pessoas, incentiva assistir mais filmes, ter mais participação na sociedade. O cinema consegue unir pessoas de todas as classes sociais, raças e credos¹⁷.(Apêndice A)

No final de cada sessão, o projeto pede para o público preencher um formulário. O objetivo é conhecer um pouco o perfil de quem frequenta o espaço. Um dado interessante aponta que a grande maioria do público é formada por mulheres.

As películas brasileiras mais citadas nas enquetes são *Tapete Vermelho* e *O Auto da Compadecida*. Primeiramente exibido como uma microssérie em quatro episódios na TV Globo (1999), *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, foi reeditado e levado às telas de cinema, contabilizando mais de dois milhões de espectadores. O fato de ter sido exibido no império da comunicação pode justificar o resultado de ser uma das obras brasileiras mais citadas nas pesquisas do CINE B.

O filme é baseado na peça teatral homônima de Ariano Suassuna, uma comédia que mistura regionalismos e religiosidade. Como filme, recebeu

¹⁶ Entrevista concedida por RODRIGUES, Edson; REIS, Luciano Aparecido; SANTOS, Wanderson Rocha Mateus dos. Entrevistador: Carlos Rizzo, jornalista. Disponível em: <<http://cineb.spbancarios.com.br/?p=7624>>. Acesso em 25 out. 2015.

¹⁷ Relato concedido durante sessão de cinema do projeto CINEB, em São Paulo (SP), em 24 out. 2015.

quatro prêmios no Grande Prêmio Cinema Brasil e o prêmio do júri popular do Festival de Cinema Brasileiro de Miami. No elenco, estão Fernanda Montenegro, Marco Nanini, Lima Duarte e Rogério Cardoso.

Há pelo menos três pessoas que nunca foram ao cinema em cada encontro do CINE B. Esse dado foi constatado na sessão do dia 24 de outubro de 2015. O filme *Dois amores*, lançado em março de 2015, foi exibido em uma noite gelada de sábado na quadra da Escola Municipal de Educação Fundamental (EMEF) Jardim Monte Belo, na zona sul da cidade. Foi a segunda vez que o CINE B esteve no local.

Dirigido por Luiz Henrique Rios, o longa traz Caio Blat no papel de Manuel, um vaqueiro simples que se vê dividido entre o amor por sua noiva Das Dô (Maria Flor) e a mula Beija-Fulô. A história é uma adaptação livre do conto *Corpo Fechado*, de Guimarães Rosa, contido no livro *Sagarana*.

A escola Monte Belo era uma reivindicação antiga dos moradores e só foi construída depois de muito barulho. Mônica Costa (Apêndice C), liderança comunitária na região, afirma que falta tudo no bairro: “Não tem lazer na periferia, as pessoas aqui não têm opções para ir em um sábado à noite. E, muitas vezes, não sobra dinheiro para sair”.

A diretora da escola Angela Bogik (Apêndice B) afirma que o cinema mais próximo está localizado na Lapa, a cerca de 12 quilômetros do local:

Para quem tem carro, ótimo. Quem não tem precisa caminhar bastante, pegar condução e acaba encarecendo. As famílias têm muitos filhos e aqui todos podem vir. A escola é o lugar que pode agregar cultura e lazer. O cinema é uma ferramenta de aprendizado¹⁸.

Josilene Almeida¹⁹, 46 anos, dona de casa, estava acompanhada dos dois filhos. Um bebê e um garoto de 6 anos, Lucas. Ela nunca tinha visto um filme:

¹⁸ Entrevista concedida por COSTA, Monica; BOGIK, Angela. Entrevistadora: Vanessa Dias Magalhães. São Paulo, 2015. 1 arquivo. Mp3 (60 min.). Os depoimentos encontram-se transcritos no apêndice desse artigo.

¹⁹ Entrevista concedida por ALMEIDA, Josileine; LUCAS. Entrevistadora: Vanessa Dias Magalhães. São Paulo, 2015. 1 arquivo. mp3 (60 min.) Os depoimentos foram apreendidos pela autora durante sessão

Nunca parei para ver um filme, eu e meu marido não temos esse hábito. Só estou aqui hoje porque o meu filho quis. O Lucas sempre pede para eu levar ele ao cinema, mas é longe. Hoje eu vim porque nunca saímos, meu marido me deixou aqui e voltou para o trabalho na mecânica. Não tem lugares no bairro para passear. Então hoje como o cinema veio até nós, não, precisava pegar condução eu resolvi vir. (relato oral)

Eu sempre quis ver a tela grande, comer pipoca. É muito legal, quero ir sempre. – Lucas, 6 anos. (idem)

No final da sessão, a expressão de Josiele mudou e seu depoimento também:

Nossa, parece que eu nasci de novo. Foi tão legal acompanhar uma história. Acho que além de realizar o sonho do meu filho eu realizei um sonho meu. Estou com vergonha, pois nunca tinha parado para ver um filme, prestar atenção na história. Quero ir outra vez. (relato oral)

Ilda Batista Teixeira é uma senhora de sorriso fácil. Aos 65 anos, com onze netos, ela conta que nunca tinha ido ao cinema. “Ver filme é caro, menina. Nunca tive a oportunidade de ir, sempre tive muitos afazeres na casa, com os filhos. Tinha outras prioridades” (relato oral). Ela estava acompanhada de uma das netas Ana Gabriele, de 15 anos.

A identificação ao assistir um filme nacional é refletida na afirmação de Ilda após o filme: “Achei a história linda, ótima. Foi emocionante ver um pouco da minha história que se passou um pouco na roça. Se tiver cinema aqui outra vez vou trazer a família toda”. Destacando o conceito de identidade cultural de Hall, concebida a partir da compreensão do autor sobre as especificidades das diversas “trajetórias históricas [que] vieram a moldar sua experiência, sua própria posição política e intelectual” (2013, p. 407).

Tomando por base a ideia de que a identidade cultural tende a ser construída a partir de diversas matrizes, entre elas a cultura nacional, é compreensível a importância de projetos que permitam a identificação do espectador com o conteúdo e/ou estética veiculados, por exemplo, pelo cinema. O predomínio de representações desvinculadas da realidade da população residente nas periferias de São Paulo, recorrentes nas produções

de filmes realizados pelo CINEB em 24 out. 2015, em São Paulo, SP. Eles encontram-se transcritos na íntegra no apêndice desse artigo. Os relatos de Josilene Almeida, de Lucas e de Ilda Batista.

estrangeiras, favorece o distanciamento simbólico desses sujeitos em relação e essa linguagem.

É nesse sentido que os projetos de inserção social e cultural do cinema oferecem possibilidades de identificação e de ressignificação dos sujeitos periféricos dentro do campo sociocultural. Ainda, esses espaços alternativos de promoção cultural reforçam os marcadores sociais de diferença, de maneira significativamente positiva para essas populações, ou, conforme analisado por Hall:

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao mainstream, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. (2013, p. 338)

Os projetos que veiculam produções cinematográficas, especialmente nacionais, para populações até então alheias dessas possibilidades de fruição cultural e artística, abrem possibilidades de ressignificação de conteúdos e da própria realidade social. Além disso, esses mesmos projetos, que veiculam novas formas de consumo cultural para populações periféricas, também abrem novas possibilidades em outras esferas da cultura, como a produção, reforçando a dinâmica do campo cultural a partir da autorrepresentação.

6.2 O projeto da Prefeitura

A Prefeitura de São Paulo, através do projeto Circuito Spcine de Cinema, pretende ampliar a oferta de espaços para exibição de filmes. A previsão é de que uma rede formada por 83 salas de cinema esteja à disposição da população. A ideia é aproveitar espaços já existentes, como: 6 centros culturais, entre eles o Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes, na Zona Leste, e o Centro Cultural da Juventude, na Zona Norte da cidade de São Paulo; 12 teatros, incluindo o recém-inaugurado Flavio Império, na Penha, e o teatro Cacilda Becker, na Lapa; 4 casas de cultura; 14 bibliotecas; 45 CEUs; e 1 Arquivo Histórico.

O que chama a atenção para esse projeto, além de ser investimento público em cultura, é a intenção de ocupar espaços que não foram criados com a proposta de exibir filmes, como os Centros Educacionais Unificados (CEUs) e bibliotecas. Cada vez mais se vê a necessidade de expandir os espaços dedicados às salas de cinema para além dos shoppings centers. A cultura precisa dialogar com a sociedade e estar integrada em espaços próximos das comunidades.

Quando uma escola é aberta para a exibição de obras cinematográficas os alunos podem ir com os pais, amigos e assim fortalecer laços de cidadania e representatividade. O papel do colégio vai além da sala de aula e concretiza-se como meio de transformação social e cultural. As constatações de exclusão e dificuldade de acesso ao cinema estão na justificativa da Prefeitura para investir no projeto.

Diante desse breve panorama do cenário paulistano, e considerando a rede de equipamentos municipais já disponível – e não ocupada em toda sua potencialidade –, este projeto busca fortalecer a cadeia cinematográfica na cidade e reverter o processo de exclusão de parte da população em relação ao cenário cultural paulistano, por meio da ampliação da rede de salas de cinema e, sobretudo, do acesso a essas salas (SÃO PAULO, 2015).

Ana Louback, coordenadora do Projeto Circuito Spcine de Cinema, afirma que as pessoas precisam ter a opção de querer ou não ver um filme; “Nossa intenção é promover cada vez mais o acesso da periferia as atividades culturais e o cinema é uma delas. Fortalecer os espaços locais e apoiar iniciativas das próprias comunidades, como a exibição de curtas gravados por moradores. Dialogar com os gestores locais para ter, por exemplo, um pipoqueiro que atua na comunidade e não ter uma bomboniere que vende doces e pipocas”²⁰(relato oral).

A ideia, além da exibição de filmes, é promover encontros com diretores e atores das obras. Em um domingo, dia 27 de setembro de 2015, o

²⁰ Entrevista concedida por LOUBACK, Ana. Entrevistadora: Vanessa Dias Magalhães. São Paulo, 2015. 1 arquivo. Mp3 (20 min.). Relato concedido por telefone à autora, em 20 set. 2015.

longa *Que Horas Ela Volta?* da cineasta Anna Muylaert, foi apresentado em 12 Centros Educacionais Unificados pela cidade e teve um público de 2440 telespectadores. Foram mais de 200 pessoas por sessão.

A obra conta a história da pernambucana Val, interpretada por Regina Casé, que se mudou para São Paulo para conseguir trabalho e dar melhores condições para a filha Jéssica. Ela deixa a menina no interior do nordeste para ser babá na capital paulista. Treze anos depois, a filha resolve morar com a mãe com o intuito de prestar vestibular para o curso de arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU). Como Val mora na casa dos patrões, a presença da jovem no local desencadeia vários conflitos e escancara as relações de poder e o abismo social entre as famílias.

No CEU Butantã, zona oeste da cidade, a atriz Camila Márdila, personagem da jovem Jéssica, participou de um bate-papo logo após a exibição do filme.

A Prefeitura classifica a experiência como “experimental”, já que a ação foi realizada sem grandes divulgações e utilizando filmes em DVD. Como o resultado foi considerado positivo pela gestão, a ideia é expandir atividades como essa.

A coordenadora do projeto afirma que a Prefeitura promove diálogos com lideranças comunitárias e gestores de cultura locais para ouvir as demandas e definir como serão elaboradas as diretrizes. Segundo Ana Louback, filmes mais comerciais, com conteúdos hollywoodianos, serão incluídos no roteiro, como sugestão das comunidades.

Algumas exibições serão gratuitas e outras com preços simbólicos, mas ainda não há valores definidos. O orçamento conta com sete milhões de reais para a compra de equipamentos. O projeto terá início em janeiro de 2016.

6.3 Cine na Laje

O Cine na Laje teve início em março de 2009 e acontece a cada quinze dias em um bar da zona sul de São Paulo. A proposta é ter um espaço

democrático para exibição de filmes. Sérgio Vaz²¹, poeta e escritor, o idealizador da proposta, afirma que os encontros nasceram da necessidade de ter cinema na periferia. “O poder público não nos deu nada? Então fizemos algo onde não tinha nada”, explica.

A iniciativa tem como objetivo valorizar as produções audiovisuais do bairro e ampliar o acesso dos moradores ao cinema. Além dos filmes, já foram exibidas mostras e promovidos debates e visitas de alunos de escolas da comunidade. O projeto Cine na Laje é a paixão pela telona. Entusiasmado, Vaz continua:

Nos anos 80 fui ao Bexiga e pela primeira vez vi um cine clube. Sempre quis ter um aqui, mas não para passar filme francês. Quando o Zé reformou o bar, sugeri de passar uns filmes, documentários, da nossa realidade. Não temos o hábito de ir ao cinema. O cinema custa R\$ 20,00 e a cerveja custa R\$ 5,00. O brasileiro compra filme pirata, mas não vai ao cinema e o Cine na Laje veio para fomentar essa ida ao cinema.

A entrada é franca e a pipoca é grátis. Todas as sessões ficam lotadas.

7. Considerações finais

O presente artigo partiu da hipótese inicial de que o cinema, enquanto linguagem artística e como espaço de relações sociais de lazer e de entretenimento, encontra-se em uma situação de destaque no campo cultural. Entretanto, o acesso é relativamente limitado apenas às pessoas dotadas de melhores condições financeiras. O alto investimento necessário para ingresso, gastos com deslocamento, entre outras atividades pertinentes ao evento “ir ao cinema”, afasta as pessoas das camadas populares dessas alternativas de entretenimento e de lazer.

Um dos objetivos deste trabalho era debater como teve início o processo de elitização do cinema, como a indústria cultural controla o conteúdo e a distribuição dos filmes e como funcionam as políticas culturais que trabalham para democratizar esse acesso.

²¹ VAZ, Sérgio. Em conversa informal com a autora. São Paulo, 2015.

Em contrapartida à exclusão que se verifica, iniciativas de promoção da cultura cinematográfica, como o CINE B e o Cine na Laje, promovem uma abertura relevante de acesso para as camadas populares, democratizando, efetivamente, o cinema. A investigação dos dados e dos projetos, bem como as impressões das pessoas beneficiadas por essas iniciativas, revelam a sua efetividade na promoção de alternativas de lazer e também de construção de novas formas de autorrepresentação social.

No caso do CINE B, iniciativa de cinema itinerante do Sindicato dos Bancários, a opção de exibir filmes nacionais, além de valorizar o que é produzido no país, cria identidade do público com o conteúdo que ele está assistindo. Mesmo sendo itinerante, foi constatado que o projeto desperta no público a vontade de ir ao cinema mais vezes e de buscar outras possibilidades de acesso a essa linguagem.

Ao exibir uma obra que conta a história do rapper Sabotage na região da Cracolândia, no centro de São Paulo, muitos que participaram da sessão puderam se identificar com o conteúdo. A história de luta e desigualdade social está presente na maioria das pessoas que ali estão. O cinema, então, pode ser uma ferramenta de identidade social.

Ainda, esses projetos incentivaram a elaboração de políticas públicas culturais de acesso à cultura, ao lazer e ao entretenimento, como é o caso do programa Spcine, da Prefeitura de São Paulo. A iniciativa se mostra uma importante estratégia do poder público para a efetiva promoção da cidadania cultural.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural**. São Paulo, Árica, 1986.

ALMEIDA, Paulo Sérgio; BUTCHER, Pedro. **Cinema, desenvolvimento e mercado**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003.

ANCINE - Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual – OCA - **Informe de Acompanhamento de Mercado de Salas de Exibição para o 1º**

Trimestre de 2015. Disponível em: <<http://oca.ancine.gov.br/index.php>>. Acesso em 07 jul. 2015.

BERNARDET, Jean-Calude. **O que é Cinema?** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. Coleção 9 Primeiros Passos.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **História do Cinema Brasileiro – Breve Histórico do Cinema Brasileiro.** Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/cinema-e-tv/historia-do-cinema-brasileiro>>. Acesso em 25 set. 2015.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia do cinema: do mito à indústria cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

CHAUÍ Marilena. **Cidadania cultural: o direito à cultura.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. Cultura e democracia . In.: Crítica y emancipación: **Revista latinoamericana de Ciencias Sociales.** Buenos Aires, Año 1, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=chau%C3%AD+Cultura+e+democracia&aq=chau%C3%AD+Cultura+e+democracia&aq=chrome..69i57j0l4.2108j1j4&sourceid=chrome&es_sm=93&ie=UTF-8>. Acesso em 21 jul 2015.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS . O Ingresso de Cinema no Brasil é um dos Mais Caros do Mundo, Aponta Pesquisa da Escola de Economia de São Paulo. In.: **FGV Notícias.** São Paulo, fev. 2013. Disponível em: <<http://fgvnoticias.fgv.br/pt-br/noticia/ingresso-de-cinema-no-brasil-e-um-dos-mais-caros-do-mundo-aponta-pesquisa-da-escola-de>>. Acesso em 31 out. 2015.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História e audiovisual.** Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.

HORKHEIMER, M., e ADORNO, T.W. **Dialética do Esclarecimento:** Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACEDO, Marcelo Ernadez; FICHEIRA, Carolina; GUERÓN, Rodrigo. O Projeto Oficina-se e a Democratização do Acesso ao Cinema no Rio de Janeiro. In.: **Revista Contemporânea.** Rio de Janeiro, ed. 26, vol.8, n.3., 2010. Disponível em <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/817/943>. Acesso em 27 jul. 2015.

MOGADOURO, Cláudia de Almeida. **Educomunicação e escola**: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta). Tese de Doutorado, ECA-USP, 2011.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade 2015**. Disponível em: <[http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/Quadro da Desigualdade em SP.pdf](http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/Quadro_da_Desigualdade_em_SP.pdf)>. Acesso em: 04 out. 2015.

SÁ-EARP, Fábio Sá. SROULEVICH, Helena. **O Mercado do Cinema Nacional do Cinema no Brasil**. Rio de Janeiro: BNDES. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/datacenter/ie/pdfs/seminarios/pesquisa/texto04112.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

SPCINE. **Circuito Spcine de Cinema**: julho 2015. Disponível em: <<http://umacadeiraporfavor.com.br/tag/scipione/>>. Acesso em: 05 out. 2015.

Sites

CINEB. Disponível em: <<http://cineb.spbancarios.com.br/>>. Acesso em: 24 out. 2015.

IMDB. Disponível em: <<http://www.imdb.com/>>. Acesso em: 26 out. 2015.

ENCICLOPÉDIA BRITANNICA. Disponível em: <<http://www.britannica.com/>>. Acesso em: 24 set. 2015.

SPCINE. Disponível em: <<https://spcine.wordpress.com/>>. Acesso em: 13 jul 2015.

Entrevistas

ALMEIDA, Josilene. Entrevista concedida à autora em 24.out.2015. CINEB, São Paulo, SP.

BOGIK, Angela. Entrevista concedida à autora em 24.out.2015. São Paulo, SP.

COSTA, Monica. Entrevista concedida à autora em 24.out.2015. São Paulo, SP.

LOUBACK, Ana. Entrevista concedida por telefone à autora em 20.out.2015. São Paulo, SP.

LUCAS. Entrevista concedida à autora em 24.out.2015. CINEB, São Paulo, SP.

NASCIMENTO, Antonio Francisco. Entrevista concedida à autora em 24.out.2015. CINEB, São Paulo, SP.

SANTOS, Cidálio Vieira. Entrevista concedida à autora em 24.out.2015. CINEB, São Paulo, SP.

TEIXEIRA, Ilda Batista. Entrevista concedida à autora em 24.out.2015. CINEB, São Paulo, SP.

ANEXO 1 CIRCUITO SPCINE - 1ª ETAPA

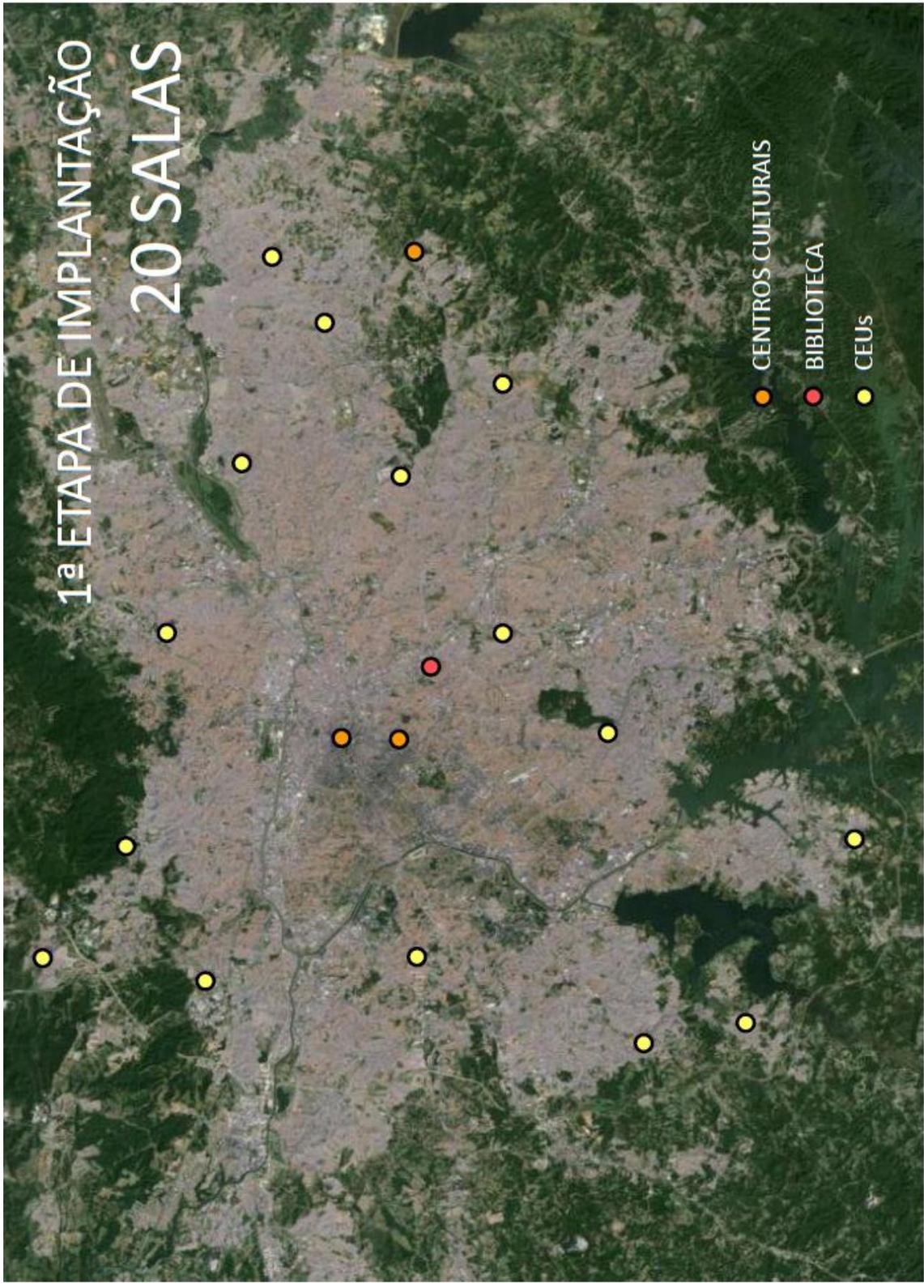
Circuito Spcine de Cinema | 1ª Etapa

Equipamento nome	Equipamento tipo	Endereço	subprefeitura	zona	capacidade da sala
Galeria Olido	Centro Cultural	Avenida São João, 473 - Centro	Sé	Centro	236
Centro Cultural São Paulo (CCSP) Sala Lima Barreto	Centro Cultural	Rua Vergueiro, 1000 - Paraíso	Sé	Centro	99
Centro Cultural São Paulo (CCSP) Sala Paulo Emílio	Centro Cultural	Rua Vergueiro, 1000 - Paraíso	Sé	Centro	99
Centro de Formação Cultural de Cidade Tiradentes (CCTiradentes)	Centro Cultural	Avenida Inácio Monteiro, 6900 - Cidade Tiradentes	Cidade Tiradentes	Leste 2	150
Biblioteca Roberto Santos - Temática de Cinema	Biblioteca	Rua Cisplatina, 550 - Ipiranga	Ipiranga	Sudeste	68
Ceu Aricanduva - Professora Irene Galvão de Souza	CEU	Rua Olga Fadel Abarca, s/n - Jardim Santa Terezinha / Itaquera	Itaquera	Leste 1	445
Ceu Butantã - Professora Elisabeth Gaspar Tunala	CEU	Rua Engenheiro Heitor Antônio Garcia, 1700/1870 - Jardim Esmeralda / Butantã	Butantã	Oeste	450
Ceu Caminho do Mar - Professora Dulce Salles Cunha Braga	CEU	Rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jabaquara	Jabaquara	Centro-Sul	184
Ceu Feição da Vila - Deputado Prof. José Freitas Nobre	CEU	Rua Feição da Vila, 399 - Chácara Santa Maria / Campo Limpo	Campo Limpo	Sul	180

Ceu Jaçanã	CEU	Avenida Antonio César Neto, 105 - Jardim Guapira	Jaçanã - Tremembé	Nordeste	399
Ceu Jambreiro - José Guilherme Gianetti	CEU	Avenida José Pinheiro, 60 - Guaianases	Guaianases	Leste 2	450
Ceu Meninos Prof. Pr. Artur Alberto de Mota Gonçalves	CEU	Rua Barbinos111 - São João Climaco / Ipiranga	Ipiranga	Sudeste	450
Ceu Parque Veredas - João Antônio Silva	CEU	Rua Daniel Muller, 347 - Itaim Paulista / São Miguel Paulista	Itaim Paulista	Leste 2	450
Ceu Paz	CEU	Rua Daniel Cerri, 1549 - Jardim Paraná / Brasilândia	Freguesia - Brasilândia	Noroeste	450
Ceu Perus	CEU	Rua Bernardo José de Lorena, s/n / Pirituba	Perus	Noroeste	449
Ceu Quinta do Sol	CEU	Avenida Luis Imparato, 564 - Cangaíba	Penha	Leste 1	400
Ceu São Rafael	CEU	Rua Cinira Polônio, 100 - Conjunto Promorar Rio Claro / São Mateus	São Mateus	Leste 1	450
Ceu Três Lagos	CEU	Estrada do Barro Branco, s/n - Jardim Três Corações / Capela do Socorro	Capela do Socorro	Sul	430
Ceu Vila Atlântica - Professor João Soares Filho	CEU	Rua José Venâncio Dias, 840 - Jardim Nardini / Pirituba	Pirituba	Noroeste	450
Ceu Vila do Sol	CEU	Avenida dos Funcionários Públicos, 369 - Jardim Capela / Campo Limpo	M'Boi Mirim	Sul	188

Ceu Jaçaná	CEU	Avenida Antonio César Neto, 105 - Jardim Guapira	Jaçaná - Tremembé	Nordeste	399
Ceu Jambreiro - José Guilherme Gianetti	CEU	Avenida José Pinheiro, 60 - Guaianases	Guaianases	Leste 2	450
Ceu Meninos Prof. Pr. Artur Alberto de Mota Gonçalves	CEU	Rua Barbinos 111 - São João Clímaco / Ipiranga	Ipiranga	Sudeste	450
Ceu Parque Veredas - João Antônio Silva	CEU	Rua Daniel Muller, 347 - Itaim Paulista / São Miguel Paulista	Itaim Paulista	Leste 2	450
Ceu Paz	CEU	Rua Daniel Cerri, 1549 - Jardim Paraná / Brasilândia	Freguesia - Brasilândia	Noroeste	450
Ceu Perus	CEU	Rua Bernardo José de Lorena, s/n / Pirituba	Perus	Noroeste	449
Ceu Quinta do Sol	CEU	Avenida Luis Imparato, 564 - Cangaíba	Penha	Leste 1	400
Ceu São Rafael	CEU	Rua Cinira Polônio, 100 - Conjunto Promorar Rio Claro / São Mateus	São Mateus	Leste 1	450
Ceu Três Lagos	CEU	Estrada do Barro Branco, s/n - Jardim Três Corações / Capela do Socorro	Capela do Socorro	Sul	430
Ceu Vila Atlântica - Professor João Soares Filho	CEU	Rua José Venâncio Dias, 840 - Jardim Nardini / Pirituba	Pirituba	Noroeste	450
Ceu Vila do Sol	CEU	Avenida dos Funcionários Públicos, 369 - Jardim Capela / Campo Limpo	M'Boi Mirim	Sul	188

1ª ETAPA DE IMPLANTAÇÃO 20 SALAS



- CENTROS CULTURAIS
- BIBLIOTECA
- CEUS

GRADE DE HORÁRIOS SALAS EXCLUSIVAS (centros culturais e biblioteca)

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	sábado	domingo
10:00							
11:00							
12:00							
13:00							
14:00							
15:00							
16:00					6:00	6:00	6:00
17:00							
18:00	6:00	6:00	6:00	6:00	6:00	6:00	6:00
19:00							
20:00	20:00	20:00	20:00	20:00	20:00	20:00	20:00
21:00							
22:00							

GRADE DE HORÁRIOS SALAS COMPARTILHADAS (CEUs)

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	sábado	domingo
10:00							
11:00							
12:00							
13:00							
14:00							6:00
15:00							
16:00			6:00	6:00			6:00
17:00							
18:00			6:00	6:00			6:00
19:00							
20:00		PROJETOS LOCAIS	20:00	20:00			
21:00							
22:00							

ANEXO 2 – SPCINE – PROJETO RESUMIDO²²

Circuito Spcine de Cinema

(atualização julho 2015)

O Circuito Spcine de Cinema é um política pública estratégica que busca, por meio da implantação de uma rede permanente de espaços de exibição cinematográfica, ampliar a oferta de atrações culturais e fortalecer a cadeia do audiovisual no Estado de São Paulo.

1. Objetivo Geral

_ Implementar um circuito permanente de exibições cinematográficas, coordenado e programado pela Spcine, visando a ampliação do acesso da população ao cinema e potencializando a distribuição da produção cinematográfica paulista.

2. Objetivos Específicos

- _ Ampliar a rede exibidora disponível na cidade de São Paulo;
- _ Atender à demanda reprimida de títulos em busca de janelas para exibição, garantindo maior sustentabilidade à cadeia produtiva do audiovisual;
- _ Atender à demanda por entretenimento de qualidade nas periferias da cidade;
- _ Formar público para o cinema nacional;
- _ Fortalecer a rede de equipamentos públicos nas periferias da cidade, numa política não só de acesso à cultura, mas também de desenvolvimento urbano e territorial;
- _ Otimizar o uso de equipamentos públicos já existentes.

3. Justificativa

Segundo o portal Filme B, desde 2001 o público de cinema vem crescendo no Brasil, com índices de crescimento particularmente significativos a partir de 2009, conforme demonstrado pelo gráfico abaixo.

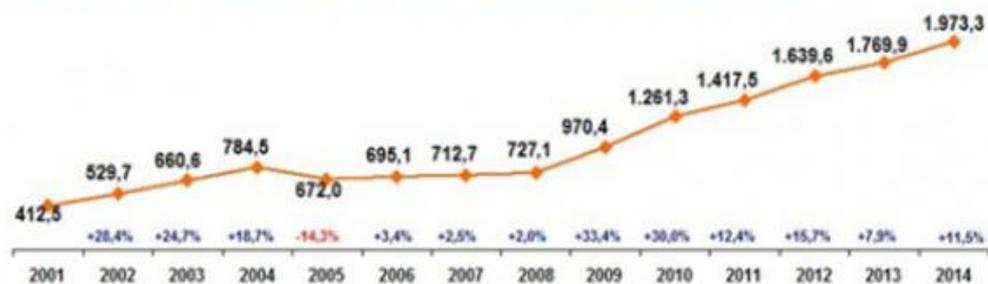
²² Registre-se, a pedido da própria prefeitura, que todas as informações deste anexo foram fornecidas em caráter informal para a realização deste estudo, por se tratar de material de uso interno, sendo extraoficial sua divulgação.

Evolução do público total 2001-2014 (em milhões). Fonte: Filme B, acesso em jul/ 2015.



Paralelamente, a renda conta com aumentos ainda mais significativos: enquanto o público cresceu 4% no intervalo de 2013 para 2014, a renda teve um acréscimo de 11,5%, conforme demonstra o gráfico abaixo .

Evolução da renda geral 2001-2014 (em bilhões de R\$). Fonte: Filme B, acesso em jul/ 2015.



Apesar desses cenários positivos do mercado, vale dizer que o *market share* nacional vem oscilando nos últimos anos, estando ainda muito vinculado ao sucesso de produtos pontuais. No intervalo de 2013 para 2014, por exemplo, o que se verifica é uma queda de cerca de 6 pontos percentuais. Além disso, vale mencionar que na última década o cinema nacional não conseguiu em nenhum período ocupar mais do que um quinto das telas de cinema do país.

Evolução do *market share* nacional 2001-2014. Fonte: Filme B, acesso em jul/ 2015.



Ainda no contexto da exibição, vale mencionar que, embora o número de salas no país venha crescendo neste mesmo período, passando de 2.110 em 2009 para 2.679 em 2013, ainda há uma demanda populacional significativa sem atendimento. O Índice de Habitantes por Cinema (IHC)¹ médio no país em 2013 girou em torno dos 75 mil habitantes por sala, número ainda distante de outros países, como Argentina (cerca de 51 mil hab/ sala em 2012), México (aproximadamente 21 mil hab/ sala em 2012) e França (cerca de 11mil hab/ sala em 2012)².

Da mesma forma, a cidade de São Paulo, por sua vez, embora seja a capital do Estado com maior número de salas do país, ainda apresenta um IHC alto, de 0,43 (ou, 43 mil habitantes/ sala), assumindo a 14ª posição no ranking das capitais brasileiras³. Atualmente São Paulo conta 296 salas de cinema, distribuídas em 45 complexos⁴.

Além da oferta reduzida, cabe ressaltar que a grande maioria destas salas está situada nos bairros mais centrais da cidade, sendo bastante escassa a oferta de opções nas periferias, regiões que abrigam grandes contingentes populacionais. Em termos de tipologia, verifica-se ainda o forte predomínio de salas Multiplex, em geral, associadas a shopping centers: segundo Stefani (2009), em 2009 as salas Multiplex já constituíam 85% da rede paulistana, sendo apenas 11% do circuito formado por cinemas de arte, 3% por cineclubes e 1% por cinemas de bairro⁵. Esta opção de formato traz custos embutidos à atividade de

¹ Índice de Habitantes por Cinema = Número de habitantes/ Número de salas de cinema/ 100.000.

² Fonte: ANCINE, Informe de Acompanhamento do Mercado - Salas de Exibição, 2013.

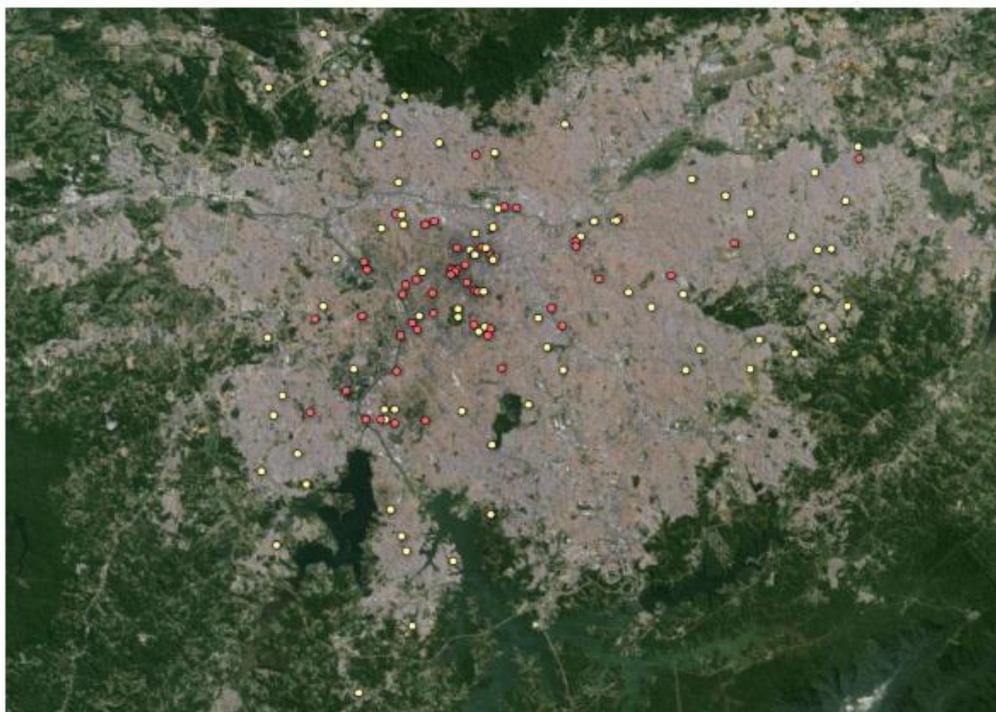
³ Segundo o IHC, no ano de 2009 a capital brasileira melhor servida por salas de cinema foi Vitória, com índice de 0,18, e o pior atendimento foi o de Rio Branco, com índice de 1,57 (MINC. Cultura em Números. Anuário de Estatísticas Culturais, 2009).

⁴ OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL - OCA, 2013 In: <http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2304.pdf>

⁵ STEFANI, E.B. A geografia dos cinemas no lazer paulistano contemporâneo: redes e territorialidades dos

exibição, o que ocasiona valores de ingresso pouco acessíveis a uma parte significativa da população.

Mapeamento do circuito regular de cinemas de São Paulo (em vermelho) e da rede de equipamentos culturais da Prefeitura de São Paulo (em amarelo). Fonte: Elaboração própria. Spcine, 2014.



A dificuldade de acesso da população paulistana ao cinema é expressa pela pesquisa por amostragem “Hábitos Culturais dos Paulistas: Cultura em SP” (LEIVA, 2014)⁶, segundo a qual 10% da população paulistana nunca teria ido ao cinema, embora 54% dos entrevistados teriam manifestado alto grau de interesse pela linguagem. Se considerados dados de renda, este percentual sobe para 29,7% nas classes D+E, enquanto cai para 3,35% nas classes A+B.

Diante deste breve panorama do cenário paulistano, e considerando a rede de equipamentos municipais já disponível - e não ocupada em toda sua potencialidade -, este projeto busca fortalecer a cadeia cinematográfica na cidade e reverter o processo de exclusão de parte da população ao cenário cultural paulistano, por meio a ampliação da rede de salas de cinema e, sobretudo, do acesso a estas salas.

cinemas de arte e Multiplex. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2009.

⁶ LEIVA JR, J. Hábitos Culturais dos Paulistas: Cultura em SP. São Paulo, 2014.

No que se refere à política cultural em curso na cidade, vale mencionar que o projeto está alinhado com o Plano de Metas 2013-2016 da Prefeitura de São Paulo, com o Plano Estratégico da Spcine para 2015-2016, enquadrando-se no Produto “Ampliar o acesso”, que integra o Objetivo estratégico 2: “Promover a inovação criativa e estimular a produção de propriedade intelectual” e também com os objetivos do Circuito São Paulo de Cultura, programa estratégico da Secretaria Municipal de Cultura, que visa a consolidação de uma rede cultural integrada no município.

4. Descrição do Projeto

O Circuito Spcine de Cinema parte da otimização do uso de equipamentos públicos já disponíveis, propondo uma parceria no uso desses espaços, de modo a conciliar sessões de cinema com outras atividades culturais já implementadas.

Apesar da grade compartilhada, é fundamental, no entanto, que o Circuito conte com regularidade de sessões, de modo a fortalecê-lo enquanto uma rede de espaços de exibição.

Dada a diversidade de tipologias espaciais disponíveis, este Circuito deverá trabalhar com formatos de exibição e modelos de gestão adaptados, concebidos a partir do reconhecimento das especificidades de cada espaço.

5. Conceito de programação

A programação do Circuito Spcine de Cinema deverá prezar pela diversidade de títulos, visando proporcionar o acesso da população a conteúdos cinematográficos diversos, com ênfase na produção paulista e brasileira, mas contando também com títulos estrangeiros.

Para tanto, o projeto reconhece a importância de títulos de maior apelo popular (*blockbusters*) como ferramenta para atrair público, mas vê com grande importância o aspecto da formação de público e, junto a isso, a exibição de conteúdos de teor artístico e até mesmo experimental.

**APÊNDICE A – ENTREVISTA COM CIDALIO VIEIRA SANTOS (CINEB) –
Concedida à Vanessa Dias Magalhães por e-mail
(vanessadiasm@gmail.com) em 29 de outubro de 2015.**

- Por que levar cinema para os mais diversos lugares?

O CINEB tem a proposta de levar o cinema brasileiro para pessoas que não tem acesso às salas comerciais e para aqueles lugares afastados das salas de cinema. Assim todos podem ter acesso à cultura, muitos não tem condições de pagar uma sessão de cinema.

- Qual a importância de optar por filmes nacionais?

Primeiro é a valorização do Cinema Nacional, divulgar mais os filmes brasileiros para que eles cheguem realmente no seu público. O público se enxerga um pouco nas telas e percebe que há trabalhos bem realizados no Brasil

- O que mudou nesses oito anos de projeto?

Criamos Selo CINEB – 1, 2, 3 e 4:

O selo CINEB surgiu como proposta de difusão do formato curta-metragem e geração de renda para o produtor. Em cada edição são selecionados 5 filmes para fazer parte de um DVD. Os Dvd's são vendidos após as sessões do projeto a preços populares. A renda da venda é dividida entre os produtores do filme e a comunidade faz a venda. A iniciativa foi reconhecida pelo Ministério da Cultura, através de prêmio da secretaria de economia criativa. O quarto Selo CINEB da Periferia tem como objetivo promover as produções com baixo orçamento e que tem a periferia como pano de fundo, além de abrir um espaço de divulgação para os filmes em formato de curta-metragem.

Prêmio CINEB

O Prêmio CINEB do Cinema Brasileiro é um evento que, desde 2009, presta uma homenagem aos filmes que foram exibidos e também as comunidades que receberam e apoiaram o projeto. Diretores, atores, produtores e lideranças comunitárias participam de uma festa de premiação, em que todos recebem o troféu CINEB do Cinema Brasileiro e confraternizam juntos. A cerimônia de premiação sempre conduzida por uma personalidade importante e com ligação ao audiovisual brasileiro e ao projeto. Já foram mestres de cerimônia do prêmio CINEB: Thaide, Caco Ciocler, Lucélia Santos juntamente com Gorete Milagres, Negra Li e o cantor Falcão.

Além das exibições públicas em bairros, ruas, praças e entidades comunitárias, o projeto também realiza sessões gratuitas dentro de universidades. A ideia é utilizar a estrutura que as escolas já possuem, como auditórios equipados com projetor digital e som, e transformar esses locais em salas de exibição. Desde o início, foram mais de 30 sessões para aproximadamente 5 mil alunos e professores, sempre com debates seguidos da exibição em instituições de ensino parceiras do CINEB. Já chegamos com mais de 50 mil espectadores

Uma das iniciativas do projeto também é a de promover o encontro entre o público e os realizadores dos filmes. Por isso, em sessões especiais são convidados diretores, atores e diversos profissionais do ramo cinematográfico, para conversar com os espectadores após as sessões. Embora o CINEB projete apenas filmes nacionais, o ator americano Danny Glover conheceu e apoiou a iniciativa do projeto.

Festival de Curtas: Participamos do Festival de Curtas de Brasília, onde premiamos o Filme: O FILHO DO VIZINHO.

NA IMPRENSA: Ao longo de toda a história do projeto, o CINEB já foi destaque em grandes veículos de comunicação do país e está sempre presente nas mídias locais – jornais, rádios e carro de som – das comunidades por onde passa.

CINEB E A COMUNIDADE LOCAL: O projeto incentiva e quer difundir ainda mais a cultura local, por isso, atrações artísticas de cada comunidade são bem vindas. Antes do início dos filmes, cerca de 15 minutos, grupos de dança, música e teatro se apresentam. A ideia é aproveitar o espaço e o público para valorizar as iniciativas culturais do próprio bairro. As sessões do CINEB já receberam apresentações de ballet, dança de rua, grupo de capoeira e música de viola.

Estamos cada vez mais aprimorando nossa prestação de serviço para a população, mais profissionais, levando cada vez mais novidades para o público em geral.

-Você acha que o cinema pode, além de entreter, ser uma forma de " transformação" social e cultural?

Sim, porque é emocionante ver que normalmente o CINEB passa uma vez pelo bairro e depois volta. Estas pessoas que nunca foram ao cinema voltam e elogiam o CINEB, pois dizem que nunca tiveram esta oportunidade de ver um filme ou uma apresentação cultural. As pessoas acabam procurando os filmes que exibimos para comprar, pois querem também compartilhar cultura. O cinema muda a vida das pessoas, incentiva assistir mais filmes, ter mais participação na sociedade. O cinema consegue unir pessoas de todas as classes sociais, raças e credos.

- Você tem dados de:

*** Quantas pessoas tem em media por sessão?**

Média 120 pessoas

*** Maioria homem ou mulher?**

A grande maioria são Mulheres

*** Nas pesquisas, há um número de quantas pessoas nunca foram ao cinema?**

Em média 2 a 3 por sessão

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM ÂNGELA BOGIK (DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL FUNDAMENTAL (EMEF) JARDIM MONTE BELO – Concedida à Vanessa Dias Magalhães durante sessão de filme do CINEB. São Paulo, 24 de outubro de 2015.

- Por que é importante ter uma sessão de cinema dentro da escola?

O cinema mais próximo daqui fica na Lapa, eles tem que caminhar bastante e pegar uma condução. Então, acaba encarecendo. As famílias têm muitos filhos e eu acho que a escola é o lugar que pode agregar a cultura e o lazer. Da Lapa até aqui são pelo menos 12 km, só que a condução é difícil, é demorada. Se você vai de carro até a Lapa são quinze minutos, sem trânsito. De ônibus é quase uma hora.

- É segunda vez que o CINE B vem fazer uma sessão nessa escola...

Sim, no primeiro semestre ele veio também, com apresentação de curtas feitos pela própria periferia, pelos cineastas da periferia e agora é a primeira vez que ele veio com um filme comercial.

- Como foi a primeira experiência do CINE B aqui na escola?

Foi boa, teve público. Eu acho que essa vez tende a ser melhor porque dá primeira vez tem uma resistência. Sábado à noite às vezes a pessoa não quer sair de casa, não quer lagar a novela, não quer sair, está na parte principal da novela. Mas como vieram muitas famílias elas mesmas vieram procurar quando souberam que iria ter o cinema, pegar convite.

- Os pais vieram buscar convites? O que eles falaram?

Vai ter o cinema? Nós queremos o convite. E já ficamos aqui, a Mônica (liderança comunitária) distribui pelo bairro para aqueles que se interessam e a gente faz uma divulgação para todas as salas de aula, divulgação por escrito para saber o dia, horário. Por isso acho que hoje terá público.

- Você ouviu relatos de pessoas que nunca foram ao cinema?

Tem sim, mas não está aqui agora. Mas vai chegar.

- É interessante a questão do cinema dentro da escola, utilizar esse espaço para aliar cinema com a educação. Como a senhora define isso na formação dos alunos?

Eu acho que a linguagem do cinema é uma das ferramentas de aprendizagem, é uma nova linguagem. Através das artes, os alunos também aprendem a questão de tempo, espaço, dentre outros.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM MÔNICA COSTA SILVA – Concedida à Vanessa Dias Magalhães durante sessão de filme do CINEB. São Paulo, 24 de outubro de 2015.

- Como teve início a sua militância como liderança comunitária no bairro?

Essa questão de ser líder comunitária começou por causa dessa necessidade que o bairro tem, de não ter as necessidades básicas, de estar na frente sempre reivindicando alguma coisa. Pelo transporte, escola... Organizamos um grupo de mãe para pedir escola. Quando mudamos para o bairro essa escola não existia. Fomos conversar com o prefeito. Tínhamos que andar até a Anhaguera e, quando chovia ficava tudo alagado. Então decidimos que queríamos uma escola. Na época conseguimos uma escola de latinha, em 2001. Nós aceitamos, não tínhamos nada. Não tinha nem funcionários, nós vínhamos como voluntários para ajudar na cantina e na faxina. Depois fui trabalhar como agente de saúde e a militância foi crescendo. Aqui nesse bairro falta tudo, principalmente na questão da educação, do lazer. O que você faz no final de semana? Por isso montamos uma entidade e comecei a divulgar pelas redes sociais. Foi quando o Cidálio (coordenador do CINEB) me procurou querendo saber se eu tinha interesse (no cinema). Ele me disse que precisava de um espaço. Como temos uma parceria grande com a Ângela (diretora da escola) e ela sempre abre o espaço para a comunidade, é maravilhoso ter uma diretora e uma escola com espaço aberto é tudo. Quando você tem uma escola fechada é muito ruim, pois um projeto como esse seria colocado aonde? Como arrumar um salão? Foi quando eu vim aqui. O cinema é uma conquista, de ter um pouco de cultura, de lazer para as famílias. O cinema mais próximo é na Lapa. Você pega condução lotada, trânsito, muitas vezes as mães não tem estímulo para ir ao cinema. Além de ser caro, tem que sair com o filho, pegar ônibus lotado, ir até a Lapa. Quando terminar o filme pode estar tarde. Muitas pessoas que vieram a primeira vez em abril nunca tinha entrado no cinema. É gratificante e triste ao mesmo tempo. Ter mães da família que nunca foram ao cinema. Então isso aqui para nós é uma maravilha. Teve gente que na primeira vez ficou com receio de vir, quando veio nossa... Essas mesmas pessoas me procuraram pedindo convite. Já estou há quatro dias sem convite. O convite é para o sorteio da camiseta, não para entrar na escola. A entrada é franca. Tem pipoca para todo mundo. Meu filho me pediu e tinha acabado.

- A senhora frequenta cinema?

Frequento, mas sinceramente foi depois de toda essa luta, de fazer faculdade, de aprimorar. Quando eu era criança fui com a minha mãe, depois que eu casei, tive cinco filhos como sobra dinheiro para ir ao cinema? Só depois consegui. Têm coisas que eu não tinha possibilidade. Por isso que hoje acho muito importante trazer isso aqui para que as mães possam vir. Algumas mães me falaram “ ah, estou cansada, trabalhei a semana toda” e eu respondi “ vai lá, leva o seu filho para ver o filme, fica um pouco com ele. Vai ter a sessão e pipoca de graça”. Depois disso muitas pensaram e quiseram vir. No sábado, seu filho... Você passa a semana inteira fora e no final de semana você faz o que com ele? Tira o sábado para ficar duas horas com o seu filho, comer pipoca. Hoje meu neto virá ver o filme comigo. Então eu uso a minha história de correria, de trabalho para chamar as mães que têm filhos pequenos. A gente não tem nada no bairro. Foi difícil conseguir. Se não vem hoje não reclama que não tem nada no bairro. A gente está conseguindo.

- A maioria das pessoas que demonstraram interesses eram homens ou mulheres?

A maioria eram mulheres. Conversei com alguns homens que queriam pegar convite para as esposas. Eu falava; “vai com ela”. Um rapaz falou para mim” Mônica, nunca levei a minha namorada em uma sessão de cinema”. Eu respondi “ É uma chance de você pegar ela, colocar no carro e levar ao cinema, assiste um filme, tudo de graça e leva ela para passear”. Na hora ele quis quatro convites. E depois disse que a esposa ficou toda feliz com o convite. Eu espero que hoje tenha bastante gente. As crianças daqui precisam de cultura, senão amanhã vai virar um usuário de drogas. Por isso pedi para a Ângela esse espaço, para trazer as mães para a escola. O cinema e a cultura ajudam.